

*Trânsitos Históricos na Construção
Literária de Ana Miranda: o caso
Gregório de Matos*

Historical Transit in the Literary Construction of Ana
Miranda: The Gregório de Matos Case

Claudia Leticia Gonçalves Moraes¹; Danglei de Castro Pereira²

Resumo: Esta pesquisa analisa o trabalho de reescrita da história da literatura brasileira em duas obras literárias de Ana Miranda que versam sobre a vida do poeta seiscentista Gregório de Matos, a partir da sua representação ficcionalizada enquanto personagem. O corpus literário é composto pelo romance Boca do Inferno (1989) e pela biografia romanceada Musa Praguejadora (2014), sendo destacada, dentro das referidas obras, a questão da ficcionalidade nos romances a partir de um recorte amplo nos limites entre literatura e história, as quais guardam modos peculiares de aproximação com o real. Assim, propõe-se com esta pesquisa investigar as intersecções entre literatura e história e a construção intertextual nas obras. Para a discussão aqui proposta, portanto, foram utilizadas obras de autores que dialogam com os entrelaçamentos entre os dois campos do saber, tais como Alfredo Bosi (2013, 1992), Beatriz Sarlo (2007), Peter Burke (1997; 1992), Linda Hutcheon (1991) e Lukasz Grützmacher (2006), dentre outros. As teorias propostas dialogarão diretamente com a construção romanesca da autora com o objetivo de propor uma análise destas

¹ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão - FAPEMA). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9652-3233>. E-mail: claudiamoraes27@gmail.com.

² Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2006) e pós-doutor em literatura brasileira pela USP (2012). Professor Permanente no Pós-lit (UnB), no Programa de Pós-Graduação em Letras da UNEMAT/SINOP e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (UFMS). Líder do Grupo de pesquisa "Historiografia literária, cânone e ensino", membro do GT Literatura e ensino da ANPOLL. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1010-1238>. E-mail: danglei@terra.com.br.

obras da literatura recente de nosso país buscando compreender a dimensão histórica do texto literário e sua representação enquanto parte formadora da identidade nacional, propondo um diálogo entre os séculos XVII e XXI. Pretende-se, como resultado do trabalho, discutir, a partir das categorias de análise, o empreendimento de reconstrução do passado nas tensões e hibridações entre os campos da literatura e da história que a autora faz para trazer de volta a persona do poeta Gregório de Matos Guerra.

Palavras-chave: Ana Miranda; Gregório de Matos; Literatura; História.

Abstract: *This research analyzes the work of rewriting the history of Brazilian literature in two literary works by Ana Miranda that deal with the life of the 17th century poet Gregório de Matos, based on his fictionalized representation as a character. The literary corpus is composed of the novel Boca do Inferno (1989) and the romanticized biography Musa Praguejadora (2014), highlighting, within these works, the issue of fictionality in novels from a broad cut in the limits between literature and history, which keep peculiar ways of approaching the real. Thus, it is proposed with this research to investigate the intersections between literature and history and the possibility of a metafictional construction from a historiographical construction. For the discussion proposed here, therefore, works by authors were used that dialogue with the intertwining between the two fields of knowledge, such as Alfredo Bosi (2013, 1992), Beatriz Sarlo (2007), Peter Burke (1997; 1992), Linda Hutcheon (1991) and Lukasz Grützmacher (2006), among others. The proposed theories will dialogue directly with the author's novel construction in order to propose an analysis of these works of recent literature in our country, seeking to understand the historical dimension of the literary text and its representation as part of the national identity, proposing a dialogue between the centuries XVII and XXI. It is intended, as a result of the work, to discuss, based on the categories of analysis, the undertaking to reconstruct the past in the tensions and hybridizations between the fields of literature and history that the author makes to bring back the persona of the poet Gregório de Matos Guerra.*

Keywords: Ana Miranda. Gregório de Matos. Literature. History. Historiographic metafiction.

Introdução

Nos interstícios da produção literária contemporânea, que, em muitos casos, segue uma longa tradição voltada para as relações interdisciplinares como fonte de criatividade para autores, é comum observar um profícuo diálogo entre a literatura e outras áreas de conhecimento. Essa pode ser pensada como um espaço de recriação histórica que faz com que determinados eventos históricos possam voltar a emergir, sendo recriados a partir de dois pontos fulcrais: reconstrução da linguagem e síntese estética proporcionada pela obra literária.

Analisando a literatura brasileira contemporânea, sobretudo no que tange às produções que têm fronteiras fluidas com áreas de conhecimento como a história e seu complexo tecido, que envolve conceitos como memória e linguagem, observa-se uma preocupação, sobretudo em buscar significados, criar representações e possíveis interpretações das produções simbólicas de determinada época, tendo em vista que as

atividades de ler e escrever sobre o passado estão tão presas ao tempo como quaisquer outras (BURKE, 2008).

A discussão que aqui se propõe intenta compreender o processo de criação artística da autora Ana Miranda, respectivamente em duas obras que versam sobre o poeta Gregório de Matos Guerra – *Boca do Inferno* (1989) e *Musa Preguejadora* (2014), considerando duas dimensões principais: a aproximação da autora com fontes históricas primárias e como essas fontes influem diretamente em sua escrita ficcional.

As obras apresentam duas perspectivas de construção literária – a primeira é um romance totalmente ficcional, baseado na criação de intrigas romanescas envolvendo a política no cenário do Brasil colônia em que habitaram personagens históricas como Gregório de Matos e Padre Antonio Vieira, ficcionalizados no panorama da Bahia seiscentista. Já a segunda é uma biografia romanceada de mais de 500 páginas focada no arco completo da existência do poeta barroco Gregório de Matos, desde suas origens em Portugal, até sua morte na cidade de Recife.

Dessa forma, a discussão versa sobre as interrelações proximais entre história e ficção nos romances escolhidos como recorte, propondo uma ampliação das discussões interdisciplinares que consideram a fluidez de fronteiras entre as duas áreas, proporcionando, no limite, uma reconfiguração discursiva da história da literatura brasileira e, de modo mais específico, da vida de Gregório de Matos Guerra, enquanto material ficcional para Ana Miranda.

Para empreender a análise literária proposta, utilizamos, como fundamentação teórica, as proposições do historiador Peter Burke (1997). Para ampliar a discussão e o método de compreensão sobre como apreender o passado e as novas formas de empreendimento do romance histórico, foi muito útil a leitura de Linda Hutcheon (1991) e de Lukasz Grützmacher (2006). No âmbito dos estudos literários, escolhemos como base Alfredo Bosi (2013, 1992), considerando as problematizações que esse autor faz das aproximações e diferenças entre literatura e história, além de João Adolfo Hansen (2004), em seu vasto estudo sobre o Barroco brasileiro.

Literatura e História em Entrecruzamentos Interdisciplinares

A literatura, compreendida como objeto cultural que cria representações de épocas, experiências e valores distintos, pode ser lida pelo historiador na medida em que apresenta determinados nós que precisam ser elucidados por esse profissional para compreender as condições que possibilitaram a existência e a materialidade do texto literário em determinado tempo histórico, bem como suas mais diversas formas de interpretação ao longo do tempo. Por outro lado, a literatura também emerge como possibilidade de uma composição textual que tem o passado como fonte para sua criação, alicerçando novas formas de pensar o passado, mas também e sobretudo o tempo presente. (SARLO, 2007)

O passado, enquanto constructo, leva em consideração, no âmbito da história, fontes escritas, como leis, livros, relatórios, registros, cartografias, iconografias, impressos dos mais variados tipos que constituem objetos empíricos sobre o qual recaem determinados procedimentos que legitimam as instituições que fazem os tempos remotos palpáveis por meio de documentação que comprova sua existência, objeto mesmo de seu ofício.

Esse passado, que, nas palavras da crítica argentina Beatriz Sarlo, em obra intitulada *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007), é sempre conflituoso, apresentando-se a partir de uma chave de interpretação bastante vasta, sobretudo pelo entendimento de que se trata de uma instância em constante disputa simbólica, em um jogo de significados que dialogam e duelam entre si.

Nessas incursões históricas sobre o passado, é importante pensar a partir das colocações de Alfredo Bosi, que compreende o campo ficcional como um espaço em que toda realidade historicamente comprovada, que, possivelmente, dá lastro aos acontecimentos de um romance com fundo histórico, está inevitavelmente subordinada ao verossímil, ao imaginário, a um regime que não corresponde de forma plena aos acontecimentos reais ou históricos (BOSI, 2013).

Para o autor:

O romancista não mente nunca, porque ele efetivamente está mexendo com representações da imaginação que podem, ou não, ter um conteúdo empírico historicamente atestado. Mesmo que maciçamente seja documentado o fato que ele está contando, o regime do texto no seu conjunto é de ficção. (BOSI, 2013, p. 224).

Assim, eximido da responsabilidade de comprovar a verdade histórica em seu texto, o romancista tem liberdade para a criação artística mesmo que ela esteja diretamente vinculada a um momento histórico ou regime de verdade. No tocante a esse ponto, convém frisar que mesmo a pesquisa histórica feita para a constituição romanesca de alguma trama ficcional serve apenas como pano de fundo para o enredo que está mais intrinsecamente ligado ao regime de ficção, passando pelo filtro da subjetividade autoral.

Essa colocação nos auxilia na medida em que faz pensar na literatura e na história como constituídas discursivamente (PESAVENTO, 2008), o que nos permite lançar nossa análise sobre as relações discursivas empreendidas por Ana Miranda para retomar a vida do poeta barroco Gregório de Matos (por duas vezes), em obras distintas e com processos de criação também diferenciados entre si: em *Boca do Inferno* (1989), a autora cria uma trama ficcional que é também uma forma de recriar o período do seiscentismo brasileiro, valendo-se de uma intensa relação com a intertextualidade, que faz a ponte entre a história da literatura e o processo de ficcionalização da cena literária, como marca indelével da produção da autora.

Já em *Musa Praguejadora* (2014), voltada mais especificamente para uma biografia da existência do autor, ainda é possível identificar traços não tradicionais dentro do âmbito biográfico, já que a autora lança mão de um recurso em que inclui trechos romanceados da vida do poeta, destacados em itálico no corpo da obra, entremeados à biografia em si, o que nos leva a questionar o próprio processo de escrita como elaboração discursiva sempre pautada em um recorte da realidade que nunca corresponde ao fato verídico.

Essa intensa mistura entre fatos e criação ficcional abre espaço para reflexões sobre as aproximações interdisciplinares entre literatura e história, propondo um percurso para alicerçar esta investigação no sentido de compreender ambas as escritas – histórica e literária – como projetos de apreensão das experiências humanas, lançando mão das forças de representação do passado.

No que tange aos entrecruzamentos que estabelecem diálogos entre campos distintas das Ciências Humanas, visando responder às indagações sobre a existência humana e suas relações com modos de pensar, refletir e recriar o passado, seja histórica ou literariamente, a historiadora Sandra Pesavento, no texto *O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura*, pondera:

[...] são outras as questões que articulam o debate, que aproximam e entrecruzam as narrativas histórica e literária, entendendo-as como discursos que respondem às indagações dos homens sobre o mundo, em todas as épocas. Narrativas que respondem às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade, a História e a Literatura oferecem o mundo como texto [...]. (PESAVENTO, 2003, p. 32).

É fundamental notar que a literatura contemporânea, principalmente em relação às produções literárias que possuem fronteiras fluidas com a história, oferece, em grande medida, uma preocupação em interpretar e reavivar fatos passados a partir de seu vasto aparato simbólico, num movimento que resgata discursivamente esse passado, por meio de recursos que bebem não só de fontes históricas, mas também do imaginário e do imaterial para criar possíveis interpretações de determinado momento histórico.

Tensões Pós-Modernas e Novas Formulações Literárias: Expressões do Romance Histórico na Atualidade

Os romances escritos no calor da pós-modernidade apresentam maior flexibilidade para interpretar fatos históricos, pois, contrariamente aos textos clássicos em que a escrita ainda exigia certo compromisso com a “verdade”, nos romances pós-modernos, questiona-se essa verdade em um constante tensionamento entre ficcional e histórico, subvertendo a ordem estabelecida dos fatos e desestabilizando as formas e métodos como o passado foi discursivamente constituído pelo campo da História.

De acordo com Fernando Aínsa (1991, p. 83), uma característica relevante do romance histórico está na releitura e reescritura da história feita pela ficção: “Em que a literatura é capaz de afirmar com franqueza e senso crítico o que a história não pode ou não deseja fazer, dando voz ao que [...] a história negou, silenciou ou perseguiu.”³(AÍNSA, 1991, p. 83).

Nessa abertura de horizonte, o novo romance histórico apresenta enredos que enfatizam o caráter que tanto pode ser imprevisível quanto cíclico da história, dando

³ Tradução nossa. Versão original: “[...] en que la literatura es capaz de plantear con franqueza y sentido crítico lo que no puede o quiere hacer la historia [...] dando voz a lo que la historia ha negado, silenciado o perseguido.” (AÍNSA, 1991, p. 83, tradução nossa).

vazão à possibilidade de acontecimentos os mais inesperados, assim como também à possibilidade de que os episódios ocorram mais de uma vez, de forma símile e em épocas diferentes, em resposta à noção de tempo progressivo e linear das culturas ocidentais.

Essa vontade de reinterpretar o passado, de fazer releituras da história, pode se apresentar como parte do objetivo de descolonizar mentes e imaginários (MALDONADO-TORRES, 2018), tal como aponta a proposição do novo romance histórico latino-americano (MENTON, 1993; AÍNSA, 1991), ou de repensar criticamente esse mesmo passado, por meio da paródia, pastiche, alusão e citação, num jogo ficcional que se dobra sobre si mesmo, como aponta a proposta da metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1991).

De todo modo, interessante é notar como essas sugestões, atuando no sentido de atualizar a proposta de György Lukács em seu clássico *O Romance Histórico* (1936), trabalham no sentido de contestar criticamente verdades históricas, abrindo caminho para novas possibilidades no campo literário, o que reflete a disposição autoral para pensar e criar histórias alternativas que estão sempre em embate direto com a história oficial. Nesse escopo, junta-se claramente certa crítica à modernidade e ao eurocentrismo que guiou as diretrizes do romance histórico tradicional (AÍNSA, 1991).

A atual crítica sobre as renovações do romance histórico tende a observar como os autores concentram-se no tema histórico como modo de questionar e reescrever versões do passado, quebrando com o fluxo de grandes narrativas que se alinhavam historicamente com o ponto de vista dos colonizadores, da cultura hegemônica. Pretende-se, a partir do ponto de vista apresentado por Ana Miranda em seus romances sobre o poeta seiscentista Gregório de Matos, não só questionar essa versão do passado legitimada pela historiografia oficial, mas, sobretudo ressignificá-la por meio de uma nova concepção da história contada, a partir do ponto de vista dos marginalizados, dos baixos estratos sociais, dialogando diretamente com o que o historiador inglês Peter Burke denomina de “história vista de baixo” (BURKE, 1992).

Na biografia romanceada *Musa Praguejadora* (2014), esse recurso é utilizado em larga escala, no manejo dos dados biográficos e com relação à poesia de Gregório de Matos, que é passível de dúvidas autorais, acrescentando-se a isso a proposta ficcional da

própria autora⁴, a qual não podemos perder de vista. Isso fica claro em vários trechos, desde o princípio da obra, tal como segue (2014, p. 9):

Relê, de um em um, os poemas, e os vai separando por assunto. A maioria é de cópias em letras desconhecidas, são poucos os de seu próprio punho. Muitos estão transcritos com a caligrafia primorosa do escrevente do palácio. Mas reconhece a maior parte dos versos, alguns anotados com pequenos erros, que corrige. Diversos desses poemas ele não escreveu, são horríveis, e os rasga, deixa apenas os de sua lavra. Um ou outro, ele não se recorda muito bem ter escrito, mas são bons, e os conserva. (2014, p. 9)

A autora nos apresenta um Gregório de Matos ficcional, visivelmente cansado, no final da vida, revisitando seus poemas e dúvida em relação à sua própria autoria. Trata-se de uma produção contemporânea que traz em sua composição características do novo romance histórico e da metaficção historiográfica muito presentes, considerando duas condições específicas para sua permanência: precisa, antes de tudo, se saber ficção – e Miranda em muitas entrevistas deixa claro que seu trabalho é ficcional, e não histórico – e, para além disso, fundamentar-se em fatos históricos que são extensamente comprovados por meio das notas ao fim das duas obras em que a autora explicita cada uma de suas fontes.

No caso de *Boca do Inferno*, romance de estreia da autora, vale ressaltar que esse reúne inúmeras características que predominam na chamada metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1991) e no novo romance histórico (AÍNSA, 1991; MENTON, 1993), considerando que histórico e ficcional estão unidos para urdir a trama que gira em torno do assassinato do alcaide-mor Francisco Teles de Meneses: o tom satírico, no melhor estilo gregoriano, se faz presente desde a abertura do romance e ao longo de toda a reconstrução histórica da composição literária, além da intertextualidade com as obras dos dois autores barrocos que figuram no romance: o protagonista Gregório de Matos Guerra e o Padre jesuíta Antonio Vieira.

Na concepção de Linda Hutcheon, em obra denominada *Poética do Pós-Modernismo* (1991), é essencial fazer uma distinção entre os acontecimentos e os ditos “feitos históricos”, considerando que os primeiros realmente tiveram lugar em algum momento da nossa história, mesmo não sendo mais acessíveis à nossa experiência contemporânea.

⁴ Vale ressaltar que em *Musa Praguejadora* (2014) a autora optou por escrever partes romanceadas seguidas de partes documentais. A marcação da diferença está no tipo de grafia: as romanceadas estão em itálico ao longo de toda a obra.

Já os segundos, tendo caráter narrativo, são construídos por escritores ou historiadores, que, de certa forma, estão em um local privilegiado de fala.

A partir dessa colocação inicial, Hutcheon (1991, p. 22) chamou de metaficção historiográfica a narrativa que, de forma autorreflexiva e, portanto, metaficcional, se apropria de “acontecimentos e personagens do passado”. Para Hutcheon não é possível determinar a natureza concreta dos acontecimentos, uma vez que só temos acesso a vestígios, materiais ou não, e a partir daí temos a possibilidade de transformá-los em fatos, em narrativas que se pretendem representações de um recorte da realidade. Assim, a ficção metahistoriográfica questiona a veracidade do discurso histórico e exterioriza sua condição de “constructo discursivo”.

Na perspectiva de Hutcheon (apud GRÜTZMACHER, 2006, p. 150-151):

[...] Não há diferença fundamental entre a criação de eventos ficcionais em uma obra literária e a construção dos chamados “eventos históricos” em um texto historiográfico. As metaficções historiográficas não apenas, como toda narração, constroem fatos, mas os questionam imediatamente e mostram seu caráter subjetivo e provisório⁵.

Linda Hutcheon afirma que o processo de transformação dos “acontecimentos” (feitos históricos) em narrativa é um ponto crucial na literatura pós-moderna, levando em consideração o caráter subjetivo que envolve esse procedimento mediado pela linguagem. A constituição do conceito de metaficção historiográfica traz como proposição o mérito de participar nos questionamentos sobre a versão “oficial” da história, mas, ao mesmo tempo, tendendo à obsessão em equiparar, nas suas tramas, história e ficção.

Observa-se, então, o *modus operandi* que orienta a crítica literária: os investigadores tanto encaminham suas análises no sentido de apontar onde literatura e história convergem, e quanto também utilizam essa dupla etiqueta (literatura e história) como fórmula para despertar o interesse dos leitores. Para Hutcheon (1991), essa “presença do passado” serve como instrumento para questioná-lo ou mesmo remodelá-lo, e o romance de cunho histórico, denominado pela autora de metaficção historiográfica, vem a serviço deste propósito.

⁵ Tradução nossa. Versão original: “no existe una diferencia fundamental entre la creación de los *hechos* ficticios en una obra literaria y la construcción de los llamados *hechos* “históricos” en un texto historiográfico. Las *metaficciones historiográficas* no sólo, como toda narración, construyen unos *hechos*, sino que enseguida los cuestionan y muestran su carácter subjetivo y provisional (HUTCHEON apud GRÜTZMACHER, 2006, p. 150-151).

As narrativas literárias que dialogam com a história se fundamentam nas discussões que permeiam as relações entre os campos em questão, tomando esse tipo de ficção não apenas a partir do enquadramento clássico do romance histórico, mas, ainda, aventando as possibilidades de análise de romances que, não sendo históricos nos moldes tradicionais, adotam um viés histórico como pano de fundo de suas narrativas para traçar também uma biografia romanceada de autores importantes da fortuna crítica brasileira. Foi exatamente esse o procedimento adotado por Ana Miranda ao transformar Gregório de Matos em personagem de suas obras, num intervalo de 25 anos entre a primeira e a segunda.

Essas narrativas de cunho controverso, porque sempre contestatórias do que são os fatos históricos, atizam a crítica literária e incitam o surgimento de novos paradigmas dentro da análise literária que deem conta de criticar de maneira rigorosa e coerente esses novos empreendimentos literários. No caso de Miranda (1989; 2014), mergulhamos na vida privada do poeta tanto quanto na sua vida literária, de onde a autora extrai fragmentos importantes para modular uma imagem não só de seu protagonista, poeta maior do período Barroco brasileiro, mas também de Antonio Vieira, como o mais importante sermoneiro da época. Assim, as especulações fantasiosas, aliadas à pesquisa histórica, são farta matéria-prima para o fazer ficcional que contesta e reconta tanto a história oficial quanto a história da literatura brasileira.

Gregório de Matos Guerra e a Bahia do Seiscentos Brasileiro Reconstruída Ficcionalmente

Em *Boca do Inferno* (1989), é interessante observar a ênfase que a autora dá à Cidade da Bahia, àquela época, capital do país e local de conflitos e de ambiguidades, onde vivem o poeta barroco Gregório de Matos Guerra, o padre Antonio Vieira e outras personagens históricas retomadas ficticiamente por Miranda numa intriga policial que entremeia, em sua urdidura, fatos históricos e ficção. *Boca do inferno*, portanto, se apresentou como romance com fundo histórico, lastreado na pesquisa documental que a autora fez para trazer o poeta barroco como protagonista. Esse interessante empreendimento literário também traz fortes características do já citado novo romance histórico e da

intertextualidade, marcadas pela profusa interrelação proporcionada pelos enlaces entre literatura e história.

Nessa incursão pelo Barroco brasileiro, a autora destaca inúmeras vezes a imagem da Cidade da Bahia como de capital importância na formação e nas influências sobre a escrita de Gregório de Matos Guerra. A visão que o poeta constrói em torno da cidade, muitas vezes de cunho pejorativo e pessimista, é conformada a partir de um possível desejo moral de Gregório, de edificação de uma cidade corrompida pelos vícios próprios de uma colônia altamente miscigenada e sem fé, sem lei e sem rei, conforme discorria Pero de Magalhães Gandavo no Tratado da Terra do Brasil, em 1573.

Essa crítica constante à cidade da Bahia também tem lastro num desejo de aproximação com hábitos e crenças europeias, considerada, naquele período, um modelo de civilização. No entanto, de forma contraditória, existia também uma resistência em deixar-se dominar pela cultura portuguesa, o que teve seu sentido de positividade para ajudar a problematizar e despontar, de maneira bastante incipiente, a construção de uma identidade nacional, com aspectos culturais em formação.

Essa relação ambígua é destacada em diversos momentos na obra de Ana Miranda, posto que a autora se dedica, em várias passagens, a descrever a cidade da colônia no século XVII em seus múltiplos aspectos, sejam eles físicos ou morais. A importância desse espaço citadino é tamanha que o primeiro capítulo do romance Boca do Inferno, denominado “A Cidade”, se dedica às descrições e experiências vividas na Bahia, sobretudo as de cunho subjetivo, como descreve o trecho:

“Esta cidade acabou-se”, pensou Gregório de Matos, olhando pela janela do sobrado no terreiro de Jesus. “Não é mais a Bahia. Antigamente havia muito respeito. Hoje, até dentro da praça, nas barbas da infantaria, nas bochechas dos granachas, na frente da forca fazem assalto à vista”. (MIRANDA, 2016, p. 13).

Essa corrupção, essa violência e desregramento explicitados logo no início do romance apontam para uma visão muito peculiar da colônia que está para além da descrição de espaços físicos: avança para uma observação mais atilada da decadência moral que permeava as relações, desde as financeiras baseadas estritamente no mercantilismo da época até as pessoais permeados pela cobiça, pela luxúria, pelo jogo sujo da política. Em Musa Praguejadora a ênfase na cidade também é largamente

explorada a partir do quadro moral da colônia, no século XVII, pintado pela autora (2014, p. 237-238):

Caminha o poeta pelas ruas de sua meninice, ao lado de Gonçalo Ravasco, e comenta Gregório, Como mudou a Bahia! Ele já não conhece as pessoas que passam, ali estão recopiladas gentes de mundos e reinos distintos, persas, ímpios homens de Nação, magores, armênios, gregos, infieis e outros gentios, os ousados mermidônios, assírios de todas as castas, a todos a cidade dá abrigo, mas que santidade têm mais os portugueses e brasileiros do que um turco ou um moabito? Falam mal da cidade. Mas são todos idólatras falsos que adoram o dinheiro, a gula, ambição e amoricos [...] acusam a Bahia de lhes causar danos, mesmo sabendo da inocência da cidade [...] para os bons a cidade é inferno, e para os maus é paraíso.

Os dois trechos fazem descrições interessantes do tecido social da cidade, composto de nuances movidas pela população que a habita e que traz um arranjo do vasto painel do século XVII na colônia. A população heterogênea, passível da sátira do poeta, é formada por muitas pessoas vindas de fora, da metrópole e de outras paragens, circulando pela cidade de forma desordenada, distanciados das ordens vindas da metrópole e de seu verniz civilizado (BOSI, 2013).

Essa percepção da cidade, enquanto repositório do rebotalho social vindo da metrópole e de outras partes do mundo, exprime certa visão do Brasil colonial baseada no lastro da pesquisa documental. A autora faz uso de um sofisticado trabalho com a linguagem para ficcionalizar as cenas, pintando um quadro do encontro de tipos humanos que fazem com que a cidade se degrade em assaltos, depravações, desmandos. É esse passado que aponta para uma cartografia da colônia com uma formação popular heterogênea, incitando a uma reescrita da memória da cidade da Bahia.

Sobre o método historiográfico José Carlos Reis (1999, p.9) afirma:

Não há um passado fixo, idêntico, a ser esgotado pela História. As esperas futuras e vivências presentes alteram a compreensão do passado. Cada geração em seu presente específico une passado e presente de maneira original, elaborando uma visão particular do processo histórico. Cada presente seleciona um passado que deseja e lhe interessa conhecer. A história é necessariamente escrita e reescrita a partir de posições do presente.

Assim, o procedimento literário adotado pela autora toma como ponto de partida o que foi acima colocado: é a partir de uma ótica presente, mais propriamente do século XX, que ela parte para revisitar o passado literário, o cotidiano da Bahia no período

colonial. Esse passado literariamente retomado traz uma ótica particular, fruto de seu tempo, do momento histórico em que foi escrito (fins da década de 1980 e início do século XXI), fazendo, desse modo, a seleção a que José Carlos Reis se refere. O passado brasileiro, notadamente os resquícios da Bahia colonial do século XVII, é reconstruído por meio de três vias que se entrelaçam: a pesquisa documental, o resgate da memória e o exercício imaginativo da autora.

Outro ponto a ser observado é a relação que considera o enlace emocional que as personagens estabelecem com suas cidades, seu entorno de convívio, nos romances de Ana Miranda. Fica bastante evidente, principalmente nas ambivalências que a autora tece entre suas personagens e a cidade, como essa relação é mais extensamente explorada na figura do protagonista: em algumas passagens sua personagem elogia e enaltece seu entorno; em outras, não se furta em direcionar sua pena ferina à uma terra tão contaminada por pessoas de má procedência, ou mesmo filhos da terra corruptos, de mau caráter, má formação e maus hábitos, distanciados das ordens da metrópole e desvirtuados na burocracia herdada de Portugal, na ganância de governantes, nas pequenas lutas diárias pelo poder, na exploração desenfreada dos recursos que a colônia possui.

É na esteira dessa composição que a literatura do próprio Gregório irá se fundar em tom satírico e crítico, denunciando tudo e todos ao pôr em relevo uma visão de mundo que traz em sua linha de frente as formas ridicularizadoras (HANSEN, 2014) que emolduram a imagem de uma cidade formada por festas e ritos populares e com forte influência da população negra escravizada trazida dos países africanos e que são representadas com bastante frequência, principalmente em Musa Praguejadora.

Esse painel de classes sociais, composto tanto pelas camadas populares já citadas como pela nobreza, pelo clero e pelo judiciário, na cidade da Bahia, era satirizado constantemente na poesia satírica de Gregório de Matos, um fidalgo de família de origem portuguesa.

Segundo Alfredo Bosi, em *Dialética da Colonização* (1992, p. 95):

Assim nomeia-se a Bahia, o espaço de vida, não como alheio ou estranho à voz do poeta, mas imantado pela força das suas paixões; não o nome em si, menção abstrata, mas o nome-para-o-eu, o nome sofrido, o nome a quem o tom exclamativo dá grau de canto; o nome qualificado, *triste*. Ambíguo, aliás, este adjetivo: denota estado de alma depressivo e melancólico; mas também conota a ideia de infelicidade, que partilha com outros nomes da nossa língua, como *desgraçado* e *miserável* sobre os quais paira igualmente uma sombra de culpa. (BOSI, 1992, p. 95)

A triste Bahia de Gregório se configura como um espaço vivido a partir de um contexto histórico peculiar: a decadência do comércio do açúcar (denominado “ouro branco”) e as relações econômicas firmadas entre Portugal e Inglaterra da metade do século XVII para frente, o que auxiliou em grande medida no declínio da fidalguia da qual Gregório fazia parte, permitindo a ascensão de maganos, aventureiros, brichotes, comerciantes e judeus que se inclinavam mais fortemente ao crescimento do comércio da época e, de certa forma, tomavam o lugar da nobreza decadente de sangue português.

A mágoa de Gregório de Matos em perder espaço para esse tipo de gente considerada como de mais baixo estrato se manifesta por meio de sua pena de poeta satírico, que vê nessa cidade a decadência econômica e intelectual, a efervescência dos modos burgueses de produção que mercantilizavam tudo o que surgia pela frente. Na finalização do romance *Boca do Inferno* (2016, p. 326), a autora pinta uma bela imagem evocativa da Bahia:

A cidade da Bahia cresceu, modificou-se. Mas haveria de ser sempre um cenário de prazer e pecado, que encantava a todos os que viviam ou a visitavam, fossem seres humanos, anjos ou demônios. Não deixaria de ser, nunca, a cidade onde viveu o Boca do Inferno.

Essa descrição que marca a objetividade do crescimento, mas, ao mesmo tempo, releva a subjetividade dos prazeres e pecados que conformavam o caráter da cidade acabam destacando o aspecto legendário da Bahia seiscentista, lugar que desperta uma aura quase mítica, com suas personagens históricas lendárias e seus anônimos que construíram, nas vivências cotidianas, os aspectos cruciais do Brasil colônia que, em alguma medida, permanecem residualmente até os dias de hoje.

Considerações Finais

A partir das discussões empreendidas ao longo deste artigo, foram descritas e discutidas as iniciativas de reconstrução do passado que a autora Ana Miranda fez para trazer de volta o autor seiscentista Gregório de Matos em duas obras distintas, pondo em relevo a estratégia de criação que comporta simultaneamente ficção e pesquisa em fontes

históricas primárias. A apropriação desse passado, reinventado pelo viés ficcional, também passa por uma esmerada recriação de cenários, paisagens, espaços de vivências múltiplas que, em seu sentido mais amplo, dão vida ao texto.

Dessa forma, aqui nos interessou compreender as estratégias da autora para unir em seus escritos, a partir de possibilidades como a metaficção historiográfica, literatura e história, num movimento de representação da realidade do seiscentos brasileiro, incluindo as experiências do poeta Gregório de Matos, na cidade da Bahia.

Os romances contemporâneos de Ana Miranda, que versam sobre a vida do poeta Gregório de Matos, não podem ser apenas caracterizados como históricos. A própria autora considera seus romances como “memória, todos descrevem percursos humanos, e todos não passam de pouco mais que o registro dos crimes, loucuras e infortúnios da humanidade” (1998, p. 29).

Utilizando-se tanto do discurso histórico quanto do discurso romanescos para criar Boca do Inferno, e avançando para a perspectiva que entrelaça biografia, ficção e pesquisa histórica em Musa Praguejadora, Ana Miranda apresenta-nos um terceiro discurso que não pode ser definido nem como inteiramente ficção (como ela o caracteriza na capa do livro), nem como inteiramente história (como sugerem as inúmeras fontes bibliográficas apresentadas ao final de cada uma das obras). Há um movimento na voz do narrador que faz o leitor transitar entre ficção e história do mesmo modo que transita entre a prosa de Ana Miranda e a poesia de Gregório de Matos, considerando esse jogo entre campos distintos fundamental para a urdidura de ambos os romances.

Assim, interessou-nos, nesta análise, a relação entre o discurso da artista que recria o seiscentos brasileiro literariamente e uma possível interpretação da narrativa literária a partir de um diálogo direto com a história e com a memória. Por meio dos meandros instituídos entre literatura, história e memória, pudemos analisar, no romance da autora, uma mobilização também para pensar um Brasil em processo de formação, na qual são resgatadas as memórias coletivas enquanto formas bem delineadas sentimento de identidade nacional.

Referências

- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p. 327-348.
- BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre História e Ficção. In: AGUIAR, Flávio; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (Org.). **Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997.
- GRÜTZMACHER, Lukasz. Las trampas del concepto “la nueva novela histórica” y de la retórica de la historia postoficial. **Acta poética**, México, v. 27, n. 1, p. 1-26, jan. 2006. Disponível em: <https://revistas-filologicas.unam.mx/acta-poetica/index.php/ap/article/view/193>. Acesso em: 02 mai. 2019
- HANSEN, João Adolfo. **A sátira e o engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial. Campinas: EdUnicamp, 2004.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo: história, poesia, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Org. Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- MIRANDA, Ana. “**Musa Praguejadora**”, de Ana Miranda. Entrevistador: Claudia Lamego. [Rio de Janeiro]: Editora Record, 2015.
- MIRANDA, Ana. **Boca do Inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016
- MIRANDA, Ana. **Musa Praguejadora: a vida de Gregório de Matos**. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- MIRANDA, Ana. Scott, Lukács e o romance histórico. **Revista Caros Amigos**, São Paulo, ano 2, n. 12, p. 29, set. 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História Cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (Org.). **Narrativas, imagens e práticas sociais**. Porto Alegre: Asterisco, 2008. p. 11-18.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.